

Artur Chinelato de Camargo

Quem não gosta de uma sombrinha?

Com as dificuldades impostas pelo mundo globalizado, a redução dos custos de produção passou a ser vital para a sobrevivência de qualquer negócio. Na atividade leiteira, o retorno ao uso de pastagens é uma alternativa para se obter esta redução de custos. Mas, como conseguir adaptar a pastagem (ambiente) a um animal mais produtivo, se um dos problemas é o calor durante o dia?

Tudo na vida apresenta aspectos positivos e negativos. Com o calor não é diferente. Sob o ponto de vista da vaca leiteira, o calor é um grande inimigo, provocando efeitos negativos como diminuição no consumo de alimentos e conseqüente queda na produção de leite, redução na eficiência reprodutiva com aumento de casos de repetição de cios e reabsorção embrionária e maior incidência de problemas de casco e mastite. Sob o ponto de vista das gramíneas forrageiras (pastagens), o calor é um grande amigo, permitindo aumento considerável na produção vegetal. Como enfrentar esta contradição?

Existem três opções: deixar a atividade, mudar de região ou aprender a conviver com ela. Considerando a escolha da última opção, o aprendizado da convivência pacífica e respeitosa com o calor, trará imensa satisfação, ao permitir que este demonstre que o período de verão é a época do ano onde o lucro com a atividade leiteira é maior que na época da seca/frio na região central do Brasil. Para que o aproveitamento do calor e da luminosidade seja maximizado pelas plantas, não deverá haver fator limitante ao crescimento das forrageiras. Água e nutrientes não poderão faltar para os vegetais.

Para que o efeito negativo do calor seja reduzido a níveis toleráveis, será preciso lançar mão de algumas práticas de manejo. É que, mesmo numa vaca bem nutrida, livre de enfermidades e de parasitos, poderá não ocorrer a expressão de todo seu potencial de produção, caso o ambiente não lhe ofereça um bem estar. Por bem estar entenda-se ambiente confortável para o repouso, ou seja, local seco com piso macio, sombreado e arejado, com bebedouro próximo e de fácil acesso, contendo água de qualidade e em quantidade.

A melhor sombra é a oferecida pelas

árvores. No entanto, não plante bosques de árvores. Se já existem, não os elimine. Dê preferência por plantar renques (linhas) de árvores da mesma espécie ou não, no sentido NORTE-SUL, para que a sombra "caminhe" ao longo do dia de oeste (período da manhã) para leste (período da tarde). O plantio de algumas carreiras de árvores permitirá que se faça rodízio entre as áreas de sombra, caso haja a presença excessiva de lama. O acesso ou não daquela sombra é determinado pelo uso da cerca eletrificada.

Enquanto as árvores plantadas estiverem crescendo, devem ser estabelecidos sombreiros artificiais, podendo ser de bambu, folhas de coqueiro, sombrite, telhas ou outro material qualquer. A largura deverá ser de 4 a 5 metros, a altura mínima de 3,5 metros em seu ponto mais baixo e apenas UMA INCLINAÇÃO ("uma água") da cobertura, sendo o ponto mais baixo voltado para o OESTE.

A escolha das árvores a serem plantadas dependerá do gosto de cada proprietário. No entanto, aqui vão algumas recomendações. Deve-se evitar: árvores que em algum período do ano percam suas folhas; árvores cujos troncos, folhas ou frutos possam significar algum tipo de risco para as vacas, novilhas e bezerras; árvores sensíveis à geadas; árvores que possuam uma copa muito densa, deixando constantemente úmida a área sombreada; árvores que sejam muito lentas em seu crescimento (no entanto, se for uma planta do gosto do proprietário, este aspecto deixa de ser importante) e árvores que sejam difíceis de serem encontradas e por

conseqüente, suas mudas são de valor mais elevado.

A área de sombra por animal dependerá do relevo do terreno: quanto mais plano, maior a área por cabeça. O espaço mínimo deverá ser de 10 m²/animal adulto, salientando-se que quanto mais área for destinada à sombra, menores serão os riscos de acidentes com úberes (mastite ambiental) e patas.

Podem ser citadas outras ações e práticas de manejo visando oferecer conforto e bem estar aos animais: evitar lidar com os animais (vacinação, pesagem, inseminação, controle de parasitos, ordenha, etc.) no período compreendido entre as 10 e 16 horas (horário normal) ou 11 a 17 horas (horário de verão), pois o calor poderá provocar estresse nos animais; preparar a mão de obra para lidar com rebanhos leiteiros (as vacas leiteiras são animais dóceis, lerdos e sedentários, precisando ser tratadas com atenção, paciência e carinho); nunca tocar vacas leiteiras a cavalo; lembrar que as vacas leiteiras são animais que apreciam a rotina e assim sendo, toda mudança no manejo e na alimentação, deve ser feita de forma lenta e gradual (alterações abruptas e radicais levam a resultados desastrosos quanto à produção de leite); durante a fase de estabelecimento ou recuperação dos corredores, deve-se lembrar de não utilizar cascalhos, pedras e principalmente entulhos de construção (estes materiais são inimigos dos cascos dos bovinos). Os corredores deverão ser largos (no mínimo, 4 metros, para evitar formação de lama) e abaulados. Uma prática utilizada com sucesso nos corredores de passagem dos animais é a compactação da terra misturada ao calcário e a água (para dar liga). Anualmente, no período seco, os corredores devem sofrer manutenção. Um corredor bem dimensionado é aquele que por estar num nível superior ao do terreno e por possuir um sistema de escoamento eficiente, não acumula água; promover limpezas constantes nos locais por onde o gado transita como malhadouros, aguadas, corredores, piquetes, estábulo, etc., buscando reduzir os riscos de acidentes; alterar o horário da segunda ordenha para o final da tarde/início da noite e abrir novo piquete após a segunda ordenha (final da tarde)



Artur Chinelato de Camargo é agrônomo e pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, São Carlos, SP. (16) 3361 - 5611 artur@cnpq.br